

A colonização digital: exclusão e invisibilização de línguas africanas nas plataformas¹

António Damião²

João Miguel³

Junior Rafael⁴

Taís Marina Tellaroli Fenelon⁵

Resumo

O artigo analisa a hegemonia linguística nas plataformas digitais, destacando a exclusão e invisibilização de línguas do Sul Global, especialmente africanas. Discute como a predominância de idiomas ocidentais reforça desigualdades, limitando o acesso e participação de populações periféricas, como em Moçambique, onde muitas línguas locais são marginalizadas. Aborda ainda papel dos algoritmos na manutenção dessas assimetrias e a necessidade de inclusão digital.

Palavras-chave: Hegemonia linguística, Plataformas Digitais, Sul Global, Línguas africanas.

Introdução

Nas últimas décadas, observa-se um avanço acelerado no processo de plataformização de serviços sociais e práticas tradicionais, fenômeno que vem transformando de maneira profunda as formas de interação humana, consumo e participação cívica. Plataformas de comunicação como Facebook, WhatsApp e Instagram permitem que pessoas interajam em tempo real, mesmo separadas por milhares de quilômetros. Da mesma forma, serviços como o iFood revolucionaram o setor alimentício, oferecendo pedidos e entregas de comida por meio de aplicativos, alterando hábitos de consumo e redefinindo relações comerciais. Esse movimento integra o que Cruz (2024)

¹ Trabalho apresentado no Decolonização, algoritmização e racismo do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cáspér Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestre em Jornalismo pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: antoniodamiao03@gmail.com.

³ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor Associado da Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique (UEM). E-mail: joaomiguelmz@gmail.com.

⁴ Mestrando em comunicação midiática pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Email: juniorrafaelrafael92@gmail.com

⁵ Doutora em Comunicação. Professora do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: tais.fenelon@ufms.br.

denomina digitalização social, processo pelo qual a internet, as plataformas online, os dispositivos móveis e as redes sociais passam a compor e transformar interações, práticas, instituições e estruturas sociais. Com a expansão dessas tecnologias, nota-se um crescente grau de dependência, tornando-se as plataformas digitais elementos indispensáveis do cotidiano.

O campo político mudou com a comunicação digital, que permite diálogo direto entre políticos e eleitores, mas exige letramento midiático, difícil em países africanos como Moçambique, com alta taxa de analfabetismo e barreiras linguísticas. O artigo analisa como as línguas africanas são tratadas nas plataformas digitais, evidenciando a reprodução da hegemonia centro-periferia, usando abordagem qualitativa e teorias neo-marxistas e pós-coloniais.

Contextualização e discussão

A teoria do agenda setting evidencia que a mídia tradicional exerce influência sobre os temas acerca dos quais o público deve pensar, ao passo que, nas plataformas digitais contemporâneas, os algoritmos passaram a determinar o que os usuários efetivamente visualizam e consomem. McLuhan (1964), já previa que a tecnologia transformaria o mundo numa “aldeia global” interconectada, mas essa ideia perde força quando parte da população, especialmente do Sul Global, enfrenta limitações de acesso às novas tecnologias, como as barreiras linguísticas.

Em Moçambique, assim como em outras nações africanas e asiáticas, a língua oficial de origem europeia coexiste com uma pluralidade de idiomas locais que detêm maior expressão demográfica. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (2023), o português, embora seja a língua oficial de Moçambique, não é falado por mais de 50% da população, o que evidencia a importância das línguas nacionais para a comunicação cotidiana.

Essa diversidade linguística possui uma clara distribuição regional. No norte do país, predomina o Emakua, apontado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2023) como o idioma nativo mais falado. A região central é caracterizada por um mosaico de línguas, incluindo Sena, Ndau, Nhungue, Tewe e Shona. Já na porção sul, o Changana, um idioma Bantu transfronteiriço falado também na África do Sul, Suazilândia e Zimbábue, detém grande relevância, tendo sido o mais difundido durante o período colonial. Neste contexto, a mídia tradicional desempenha um papel fundamental. Para garantir o fluxo de informação e assegurar a comunicação com a maior

parte da população — considerando que o português era uma língua ensinada apenas nas escolas e que cerca de 80% da população à época era analfabeta —, as emissoras recorreram ao uso estratégico das línguas locais em suas transmissões.

A presença das línguas africanas nas plataformas digitais ainda é reduzida e no mínimo inexistente, revelando uma assimetria significativa no acesso e na representação cultural dentro do ambiente tecnológico global. Apesar de o continente africano possuir milhares de línguas faladas diariamente por milhões de pessoas, esses idiomas não encontram o devido espaço nas principais ferramentas digitais contemporâneas. Em plataformas populares como Facebook, Twitter (X), TikTok e Instagram, por exemplo, não é possível configurar a interface para idiomas como Suaíli (Tanzânia e países vizinhos), Zulu (África do Sul), Iorubá (Nigéria), Shona (Zimbábue) ou Changana (Moçambique e África do Sul). Esse bloqueio não apenas dificulta a navegação para milhões de usuários nativos dessas línguas, como também reforça uma hierarquia linguística que privilegia idiomas coloniais — como inglês, francês e português — em detrimento das línguas locais.

Essa lacuna tecnológica se estende também ao campo da tradução automática. Nos aplicativos e softwares de tradução, observa-se que as línguas africanas raramente são contempladas. O Google Translate, um dos serviços mais utilizados globalmente, só recentemente, em 2021, informou que incorporaria o Suaíli, o Hausa e o Iorubá — esta última falada por cerca de 50 milhões de pessoas, especialmente na Nigéria, mas também em Benim e Togo. Ainda assim, a imensa maioria das línguas africanas segue fora do sistema, o que significa que milhões de falantes permanecem invisibilizados digitalmente, sem a possibilidade de acessar informação, produzir conteúdos ou interagir em suas línguas maternas por meio dessas ferramentas. Esse fato, evidencia um descompasso com a comunidade interconectada defendida por Marshall McLuhan (1964).

Essa exclusão linguística torna-se ainda mais visível em dispositivos de inteligência artificial. Assistentes virtuais como Amazon Alexa, Apple Siri e Google Assistant, amplamente disseminados em dispositivos móveis e domésticos em diversas partes do mundo, não oferecem suporte das línguas africanas. A ausência de reconhecimento e processamento dessas línguas pelas máquinas de IA coloca uma barreira tecnológica que marginaliza ainda mais esses falantes no

cotidiano digital, criando uma espécie de exclusão informacional.

Plataformas de streaming, como YouTube e Netflix, também demonstram essa desigualdade. Não oferecem opções de legendas ou dublagens em línguas locais africanas, ao passo que múltiplas versões em línguas europeias estão sempre disponíveis. Essa ausência reduz a possibilidade de circulação cultural em escala global e limita o acesso das comunidades locais ao entretenimento e à informação em suas próprias línguas. Para muitas dessas populações, a experiência de consumo digital ocorre quase exclusivamente em idiomas herdados do período colonial, como o Inglês, o Francês e o Português, que, embora sejam línguas oficiais em vários países africanos, não representam a pluralidade linguística efetivamente falada nas ruas, nas aldeias e nas cidades do continente.

Esse quadro se estende também aos sistemas operacionais e softwares amplamente utilizados, como Windows e macOS, que seguem a mesma lógica de exclusão. As opções de configuração de idioma desses sistemas não contemplam línguas africanas, o que significa que tanto a experiência de uso quanto os processos de aprendizagem digital ficam restritos a idiomas não nativos. Isso afeta sobretudo usuários mais jovens e estudantes, que acabam sendo obrigados a aprender e interagir em uma língua estrangeira para poder usufruir das ferramentas digitais básicas. Em termos simbólicos, trata-se de uma forma de colonização digital, em que a presença e a centralidade das línguas hegemônicas se reproduzem nos espaços digitais, perpetuando as desigualdades históricas construídas durante o colonialismo. Esta exclusão linguística digital vai além de uma mera falha técnica; é uma forma de colonização digital. Ao negar a presença das línguas africanas, as plataformas globais suprimem a identidade e a cultura de milhões, impedindo sua participação plena e representação no espaço digital, o que perpetua desigualdades históricas sob um novo véu tecnológico.

Referências bibliográficas

DAMIÃO, Antônio. Plataformas Digitais Como Espaço De Participação Política De Cidadãos Excluídos Pela Mídia Tradicional: O Caso do Jornalismo e Política Em Moçambique. In: XVI *Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura*, 2023, Santa Maria, RS. Anais... Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 04 a 07 dez. 2023.

CRUZ, Matheus Felipe da. *O impacto das Fake News nas eleições*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.



XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cáspér Líbero. De 11 a 13 de novembro de 2025.



GERHARDT, Tatiana Angel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. 1 edição. Editora UFRGS, Rio Grande do Sul, Brasil, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). *Padrão Linguístico em Moçambique*. Maputo: INE, 2023.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: A pesquisa qualitativa em Saúde*. 6 ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.